



Publicações Periódicas  
Pode abrir-se por subscrição postal. A subscrição a circular fechada DEZ1302022CSB2B/jan



# Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

22 de Outubro de 2022 • Ano LXXIX • N.º 2051  
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

**Fundador:** Padre Américo      **OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES**      **Director:** Padre Júlio  
**Director-Adjunto:** Américo M. S. Carvalho Mendes

## DA NOSSA VIDA

### 135 Anos — a mesma vocação

**M**AIS que a data do seu nascimento, em 23 de Outubro de 1887, Pai Américo dava apreço à do seu baptismo, que é um «nascer de novo». Este ocorreu em 4 de Novembro do mesmo ano, na igreja paroquial de Galegos.

No baptismo, a importância do nome: Américo. O nome deve surgir como referência a algo, neste caso a alguém, o cardeal D. Américo, bispo do Porto. Não foi para Pai Américo a imagem do que ele havia de ser funcionalmente, mas o sinal de uma vocação singular dada à Igreja e ao mundo.

A vocação é sempre uma dádiva de Deus, um caminho a percorrer pelo sujeito dela e por aqueles que, tocados por si, farão o seu próprio caminho para o ponto comum de chegada — o autor da vocação.

Esta chegada não é o fim, o termo vital, mas o princípio de novos caminhos a percorrer em novo contexto. O dito de Pai Américo, «A minha obra começa quando eu morrer», é a afirmação desse novo caminho com novas realizações.

Nós que prosseguimos nesta parceria da vida, recuperamos a cada passo aquilo que ficou acessível da sua vocação, e reflectimos na vida o que as condicionantes da organização social nos permitem. Embora o céu seja, para nós, o limite, essas condicionantes não nos parece que apontem para lá. O céu é comunhão, serviço e partilha; outros modos de vida se pretendem impor — individualismo, ociosidade e egoísmo — e já vão alcançando os seus frutos.

Também Pai Américo experimentou, no seu tempo, a força dos ventos contrários. Vencia-os mergulhando n'Aquele que é a causa da Vocação, do que ia fazendo caminho e traçando o rumo a seguir. Não era o turbilhão que lho traçava mas o espírito inspirado n'Aquele que conhece o ontem, o hoje e o amanhã. A Revelação tem um nome, Jesus Cristo, e era no Seu Santíssimo Nome que alicerçava as suas obras.

Hoje outro nome se pretende impor, que não pode decair em

humanidade. As obras são para o homem e não o homem para as obras. Onde o homem cresce e se faz mais homem, aí tem o seu bem.

Todos os dias a vida recomeça, embora seja necessário renascer uma só vez. Deste renascer começa uma vida nova, um novo sentido para o que não tinha sentido. Não será inútil uma vida assim.

Padre Júlio



## PENSAMENTO

O complexo social, gerado na própria natureza das coisas, deu sempre ao mundo e dará, enquanto ele gravitar, filhos sem pai. Mas o Padre é pai de todos, pela força da sua missão e da vontade de Deus — nomeadamente pai das classes abandonadas. A paternidade do Sacerdote é toda divina, transcendente, incompreensível até, para a gentes a quem escapa a terceira dimensão dos corpos. É puramente espiritual: gerar e formar Cristo nas almas. Só ele, o Padre, e mais ninguém no mundo, tem essa missão, muito embora, por vezes e para muitos, não preste para nada; mas apraz a Deus escolher o que não presta para confusão do que presta.

PAI AMÉRICO, *Pão dos Pobres*, 2.º vol., 5.ª ed., 1990, pg 72.

## BENGUELA - VINDE VER!

### Pelo menos um futuro melhor

**A**O chegar a Casa pela avenida dentro rolam em linha contínua os pneus da carrinha, ao lado marcham os alunos de batas brancas com o logótipo do Gaiato, centenas de crianças, adolescentes e jovens perfilando pelas laterais entre o verde dos arbustos e o asfalto. No centro, passa o carro branco da rua. Vai muitas vezes à rua e quando regressa a Casa duas ou três outras situações preocupantes da vida da Casa muitas vezes ficam

resolvidas, transformando-se em novas oportunidades para os nossos rapazes. Regressam para as suas casas os pequenos heróis do amanhã. Cerca de 1600 crianças externas matriculadas na nossa pequena escola de apenas oito salas. Inicialmente projectada só para os rapazes internos, estando hoje longe de responder à enorme quantidade de pedidos de matrículas, e todos os anos cada vez mais crescente, devido ao elevado índice de natalidade e à incapacidade de respostas das escolas das comunidades vizinhas quanto às vagas e também a busca de uma educação de qualidade e integrante, tendo em conta a educação religiosa e Moral, alinhada com a vertente prática e profissional, como acontece nas oportunidades de frequentar um curso de informática conduzido pelos nossos rapazes de

Casa, que o exercem na categoria de monitores. A outra oportunidade é o acesso ao curso de corte-costura, conduzido por alguns pequenos mestres, que terminaram a primeira edição com distinção, orientados pela professora "Alice".

Pela manhã é vistoso o rol de preocupações que todos os dias me são apresentadas pelos rapazes, a escola, o comportamento, a saúde, a lista de compras nas mãos dos despenseiros, os problemas das oficinas e do campo e também os seus próprios problemas pessoais em grande efervescência, qual chama ateadada e cavalgada pelo vento que sopra para onde quer. As despesas! Os pobres à porta! E a bolsa muitas vezes completamente vazia. Pedem, exigem, gritam, irritam-se. Enfim... depois tudo se concerta e fica tudo bem.

Continua na página 3

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

**O** Património não pode calar a injustiça distributiva dos bens neste e noutros países, particularmente os fundamentais, como a habitação, o alimento e a saúde. Os três estão bem relacionados uns com os outros.

Não há saúde sem habitação digna e acessível, e a alimentação é fundamental também para um equilíbrio saudável. Penso que esta linguagem é fácil de compreender.

Nem vale muito um bom sistema de saúde, se não for correspondido com uma habitação razoável e um alimento adequado.

**A crise residencial devia ser a primeira das preocupações de qualquer governo e até mesmo das autarquias.**

Não sei se é para levar a sério a referida preocupação da Câmara Municipal de Setúbal de levar para a frente um programa capaz de dar a cada família setubalense uma casa condigna com o apoio do PRR.

Se é possível ir buscar apoios a qualquer lado, é um dever fazê-lo, com todo o empenho, pois nesta matéria estamos a estoirar por todos os lados sem deslumbrar soluções.

Uma mulher ainda nova, apareceu-me a chorar desesperadamente *que a iriam pôr na rua, se não pagasse dois meses de renda da sua habitação. Estava desempregada com dois filhos, um de cinco anos e outro de um ano, abandonada pelos dois progenitores, um de cada relação.*

Olhei para ela e a suas lágrimas pareceram-me as da mulher adúltera de que fala o evangelho e que o mundo corre à pedrada. — *Como é que você vai embarcar assim com homens já com a dolorosa experiência do primeiro? Estas pessoas o que procuram é o prazer da carne, e cada vez com mais frequência, por sentirem que estão ilibados de qualquer crime, se abandonarem o fruto das suas entranhas.*

Gente dessa há por aí aos montes e ninguém lhes vai pedir contas!... Ninguém!! Nem o Estado com as suas leis e os seus tribunais, nem a opinião pública!... Toda a gente acha normal que o homem reproduza filhos sem assumir responsabilidades e sem que ninguém lhes peça!...

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

“**COMBATI O BOM COMBATE**” (2 Timóteo 4:7) — Quando esta edição do Jornal chegar aos nossos leitores será cerca da data (24 de Outubro) em que se completarão 12 anos depois do falecimento de quem escreveu estas crónicas até ao limite das suas possibilidades físicas e mentais, mais precisamente, Júlio Mendes. Escreveu-as muito melhor do que aquilo que eu tenho feito.

É uma Graça imensa ter tido um Pai assim. Nunca o vi fazer mais nada na vida a não ser ajudar o Próximo de várias maneiras ao seu alcance. Foi a sua vida quase toda dedicada, de corpo e alma, à Casa do Gaiato, até ao limite das suas forças. Foi a sua iniciativa de criação desta Conferência Vicentina para a qual trouxe um grupo de jovens da paróquia na qual ele e todos trabalharam em excelente equipa até ao limite das forças de cada um. Foi a sua colaboração noutras organizações e iniciativas solidárias de cá e doutros sítios para as quais também trouxe outros para o serviço ao próximo.

Houve um tempo e que se contavam pelos dedos as famílias cá da terra que não tivessem sido ajudadas por ele de alguma forma.

Quando vinha almoçar a casa trazia quase sempre consigo um envelope e tinha à sua espera alguém à porta. Isso eram as muitíssimas cartas que escrevia, de forma persistente, a várias entidades até conseguir a pensão de reforma, ou outro direito social que as pessoas tinham, mas do qual não usufruíam num tempo em que a iliteracia e outras barreiras impediam esse acesso.

Nos Domingos à tarde o seu “passatempo” era ir visitar as várias famílias acompanhadas pela nossa Conferência Vicentina, levando-lhes alguma ajuda material entregue discretamente, quando ela era necessária, ou simplesmente para saber como é que cada delas uma estava. Levou-me muitas vezes pela mão nessa ronda quando eu era criança.

Quando faleceu, o que me ocorreu como lema da crónica que redigi nessa altura para este jornal foi o que S. Paulo disse, no final da sua vida, na 2.ª Carta a Timóteo: “Combati o bom combate. Cheguei ao fim da minha vida. Guardei a fé.”

Que Deus me ajude e nos ajude a todos a travar este tipo de combate ao longo das nossas vidas porque, assim, haverá menos dos outros combates em que os seres humanos se matam uns aos outros física, ou psicologicamente.

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal)

Conferência de Paço de Sousa

A/C Jornal O Gaiato

4560-373 Paço de Sousa

Telem. 965464058 • E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

O nosso NIB: 004513424003543534043 (só para donativos para a Conferência e não para a Casa do Gaiato).

Américo Mendes

## MIRANDA DO CORVO

**REUNIÃO DOS PADRES** — Na nossa Casa do Gaiato, no dia 4 de Outubro, terça-feira, reuniram os Pais ao serviço da Obra da Rua. Cada encontro é bem necessário para tratar da vida da nossa Obra. Foi uma grande alegria recebê-los, desde as 12h, em que foi celebrada a Missa no nosso oratório. Seguiu-se o almoço, a Hora Inter-média e os assuntos próprios dessa reunião, no centro de estudo. Participaram os seguintes Pais: presencialmente - Júlio, Telmo, Manuel Mendes, Fernando, José Alfredo; via zoom — Rafael e Arnaldo Joaquim, em Angola. Ainda jantaram em família com a nossa comunidade, no refeitório desta Casa-mãe da nossa Obra, que é da Igreja.

**CATEQUESE** — A 15 de Outubro, teve início o ano de catequese no núcleo da Vila, da Unidade Pastoral de Miranda do Corvo. Os Rapazes desta comunidade frequentam do 2.º ao 10.º ano, conforme as idades. Os Rapazes inseriram-se na Catequese paroquial como membros da Igreja que são e porque querem ser amigos de Jesus e do próximo. Há vários anos, os Baptizados e as Primeiras Comunhão têm sido celebrados na igreja matriz de Miranda do Corvo, em ligação com o Pároco.

**AGROPECUÁRIA** — Na primeira quinzena de Outubro, o tempo continuou seco, com poucos aguaceiros. Foi concluída a vedação dos campos de milho (*lameiro* e *terra nova*) com rede ovelheira, por causa dos javalis. As espigas ainda não amadureceram para serem colhidas. Foram vindimadas as latadas de uvas, aproveitando-se os cachos para as sobremesas e ainda para se fazer algum vinho. Os diospireiros, no pomar, têm dado bons frutos. A safra da colheita da azeitona começou na parte de cima e seguiram-se os olivais da baixa da nossa quinta. Mesmo com serviço veterinário, por motivos diversos, morreram três borregos e duas crias, o que nos deixou preocupados. Agradecemos as uvas de mesa, de padre amigo, e as galinhas trazidas por professora aposentada.

**EDUCAÇÃO MUSICAL** — A 8 de Outubro, começaram as aulas de Educação Musical, marcadas para os sábados de manhã, em 3 grupos, com a professora Maria João. Esperamos que todos os Rapazes inscritos aproveitem bem, pois é um benefício aprender Música desde pequeno.

**PARTILHAS E CONTACTOS** — É nosso dever agradecer as ajudas (especialmente donativos e bens alimentares) que os nossos amigos

## BEIRE - Flash's

### — Ele está Vivo no Calvário...

Às vezes dou comigo a **ruminar** a minha Fé. Como um pobre aprendiz de crente — que detesta crendices... Crente! Aquele que acredita — mas não só... Acredita e quer aumentar a sua Fé: «Senhor, aumentai a nossa Fé!» (Lc 17 1-6). Crente! Mas *in fieri*. Isto é, em vias de desenvolvimento... Porque, realmente, dá gosto aprender a vê-lo em tudo. Como Enrique Fabre *O via e, cheio de bom humor, disso dá corajoso testemunho ao responder aos seus amigos não crentes, na festa de homenagem que a França inteira prestou aos seus 87 anos (em 1910...).* - *Eu acreditar em Deus?!... Não. Eu não acredito em nada d'ISSO!... Eu vejo-O em tudo!* Porque *Ele está vivo*. Gosto de *O ver aqui no Calvário*, em cada um destes três *flash's* do nosso quotidiano.

#### 1 Uma cama para o Calvário...

Já pai e avô, com um curso superior e uma carreira profissional brilhante, ele tem sabido manter-se consciente de que, porque **foi**, ainda é um **gaiato d'os nossos**. Da família da *Obra da Rua*. Desses que a vida nos confiou para deles cuidarmos como *filhos de Deus*. Até que possam gozar da autonomia para que todos estamos talhados por nascimento. Ainda muito jovens, mas já empenhados na construção do 'homem' que queria revelar-se em nós, a partir de dentro, encontramos-nos em Miranda do Corvo, nos princípios da década de 60. Como que 'irmanados' pelos mesmos ideais — deixarmos-nos 'construir' e tornarmos-nos 'construtores' da *Obra da Rua*, legada por Pai Américo.

A vida levou-nos por caminhos diferentes, mas ambos continuamos muito ligados à *Obra* — até que, de novo, nos encontramos por cá. Volta e meia conversamos. É aí que melhor me apercebo do quanto *sofre* se pressente que alguma nuvem negra ameaça a menina dos seus olhos — as *Casas do Gaiato / Calvário*. Foi assim que descobri que, duas ou três vezes ao ano, partilha connosco um bocadinho das suas economias porque as faz chegar ao Calvário — com uma cartinha simpática a dizer de quanto se sente **nosso**.

e amigas nos vão dando quando é possível, pois o custo de vida tem aumentado com a terrível guerra de invasão da Ucrânia. Pedimos às pessoas amigas - que recebem o nosso jornal *O Gaiato* e/ou enviam as suas partilhas para esta Casa - o favor de nos comunicarem (da forma que puderem — telefone, *sms*, carta, *e-mail*) os dados necessários de forma a ser passado o competente recibo. Muito obrigado! Contactos e dados desta Casa: *Obra da Rua* — *Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato*, 3220-034 Miranda do Corvo; NIB — 0035 0468 00005577330 18; NIF — 500 788 898; telef. 239 532 125; correio electrónico — [gaiatomiranda@gmail.com](mailto:gaiatomiranda@gmail.com)

Rapazes de Miranda

Tocado por uma crónica de Pe. Alfredo sobre o assunto, telefoname, agora, a saber 'quanto custa uma cama para o Calvário'. Indaguei e, via *sms*, respondi *ibai a informação solicitada: uma cama vai de 300 a 500 €, conforme 'o mínimo' exigido e 'o máximo' pedido...* Resposta pronta: - «cuidados de amigo», acompanhando um cheque de 2000 €.

Comovo-me. Há muitos *antigos gaiatos* que estão atentos. Pe. Telmo fala-me do que chega até ele — para aliviar as suas dores relativamente às necessidades da *Casa do Gaiato de Malanje*. Empenhada no erguer de uma *Escola Profissional* - para responder a necessidades urgentes daquela Casa.

Deus louvado! São estes que nos dão ânimo para **PRO**+seguir. Na missão de «não deixar estancar a fonte». Porque ainda há fome e sede de Justiça — um nome bonito para a **Paz!**

#### 2 — O Lupi numbem hoje?!...

Aos sábados, *ele é um ferrinho* — não falta. Vem dar um beijo a Pe Telmo (que o criou, lá nas longes terras da *Casa do Gaiato de Malanje*) e, aproveita para dar uma hora de *Atividades Recreativas e Culturais* aos nossos rapazes e doentes. Porque se sente irmão. E eles, sem noção do tempo, sentem-no. Volta e meia: - *O Lupi numbem hoje?!...*

E, se por esta ou aquela razão, o Lupicínio não pode vir, parece que a semana já está de menos — falta aquela variável... Música, dança, ginástica... Lupicínio é um antigo gaiato que cultivava um *hobbie* precioso — cuidar da saúde do corpo<sup>1</sup> através da expressão corporal: corrida, dança, ginástica, ... Hoje, é um técnico já considerado. Mesmo assim, o Calvário está nas suas prioridades. Os doentes e ra-

pazes gostam dele. Se falta, já faz falta. Obrigado, Lupri!

**3 Não me deixavam trabalhar...** Mostrou desejos de *ir lá vê-la*. Ambas são *nossas*. Esta solidariedade é significativa. Fui levá-la ao *Hospital Privado de Paredes*, onde a Maria de Jesus está internada. Feita a visita, desafiou-me a *irmos tomar uma bica... O ir ao café* é um acontecimento. Quebra a monotonia destas vidas *amarradas* a uma ERPI — por mais florida que ela seja... Penso que é o **a+cordar** / o **re+cordar**<sup>2</sup> da doce sensação de liberdade. E do poder que isso pode significar.

Naquele *conversar de nada*, veio à baila o *assalto* de 07.11.18, por parte da Segurança Social. Ela foi *arrebanhada* no grupo levado para as bandas de Aveiro. — *Estive lá um mês, pelos cabelos... Não me deixavam fazer nada. Já antes de vir para aqui, estive noutra sítio em que também não nos deixavam fazer nada. Não posso. Passava o tempo agarrada ao telefone a ver se me tiravam dali... Não posso estar sem fazer nada...*

Não consigo entender que haja quem não veja a sabedoria do *Obra de Doentes, para Doentes, pelos Doentes*. Já intuído numa velha oração: *Que nunca o diabo vos encontre desocupados*.

<sup>1</sup> O adágio latino *mens sana in corpore sano* (uma mente sã pressupõe um corpo saudável) continua de pé. Cuidar bem do corpo pode ajudar no equilíbrio da tão desejada **saúde emocional**.

<sup>2</sup> Só agora reparei que a palavra 'cor' tem a mesma raiz que a palavra **coração**. E vi que o **a+cor+dar** e o **re+cor+dar** é uma forma de **dar mais vida à vida**. Dar cor ao coração da vida. Deus louvado!

Um admirador

## Página da OBRA DA RUA na internet



Visite o nosso site em [www.obradarua.pt](http://www.obradarua.pt) e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus dois formatos:
  - Edição digital
  - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. ☐

## PÃO DE VIDA

## Pai Américo e De Foucauld e as Irmãzinhas de Jesus

*Só podemos abraçar-nos a Jesus nesta vida, se nos abraçarmos à Sua Cruz.*

Charles de Foucauld [28-1-1905]

O teólogo Yves Congar chamou *farol místico* a Charles de Foucauld. François Six disse que é *um Francisco de Assis para os nossos tempos*. O Papa Francisco, ao concluir a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* [n. 287], afirmou: «*somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos*». Diante deste extraordinário testemunho cristão, é válida a observação de S. Paulo VI, Papa: «*O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres [...] ou então, se escuta os mestres, é porque*

*eles são testemunhas*» [Acta Apostolicae Sedis 66 (1974), p. 568].

Durante a I Guerra Mundial, Américo Monteiro de Aguiar encontrava-se a ganhar honradamente o pão de cada dia no Chinde, em Moçambique, sendo certo que na costa oriental de África também foi procurando com luta interior o *Caminho da Luz*, tendo o exemplo dos missionários franciscanos. Nessa época e no deserto argelino do continente africano, o viajante e eremita Charles de Foucauld vivia a radicalidade evangélica, em contexto muçulmano. É muito significativo o interesse de Padre Américo pelo seu testemunho cristão, sendo possível que tenha co-

nhecido a tradução do livro *Carlos de Foucauld*, de René Bazin [Coimbra: Casa do Castelo, 1950]. Depois, sintetizou a repercussão da vida e espiritualidade do *pobre do deserto*, num belo naco de texto, que respigámos para ilustrar o bem que deixou à Igreja. Eis:

«**CAMINHOS DE DEUS**

É dos nossos dias a vida de um oficial do exército francês, que foi levado a *trocar os galões por uma vida de suplício, despendida nos desertos de África. Falo do P.º Carlos Foucauld. Por 40 anos além, o Missionário experimentou todas as modalidades do insucesso. Nunca viu nada a sair-lhe das mãos. Jamais notícia de uma*

Continua na página 4

## DOCTRINA

## Outro caso



Vinha a dizer em o jornal daquele dia. Era o *Comércio do Porto*. Custa-me um poder de dinheiro a sua assinatura; mas quê? Já propus permuta e disseram-me que não, por causa não sei de quê. Pois vinha lá a falar de «Proezas de gatunos». Comentava dois ataques audaciosos por dois matulões (lá estava assim) de vinte anos, cometidos em plena rua e pleno dia; e acabava: «Confiamos na boa vontade de quem superintende para que a cidade seja limpa de vadios e ladrões».

Não sei bem porquê, eu nunca leio estas coisas como elas vêm na chamada grande Imprensa. Nunca! Tenho outros conhecimentos. Vou logo às fontes de onde o mal promana e é ali, nas fontes, que eu o vejo. É de lá que o puxo para que os mais também o vejam.

Ora escutemos: Era de uma vez eu a pedir numa igreja. Na sacristia aparece um rapaz e um senhor com ele a contar a história. É o estafado conto do rapaz que sai do asilo aos tantos. Este saíra aos doze. Hoje, tem catorze. O que ele passou durante estes dois anos, sei, mas não digo. É indecoroso para nós. O que eu pretendo é que ele esqueça, perdoe e ame. Mas continuemos: Mal entrei, vêm os dois ter aonde a mim, senhor e rapaz. Eram, até, dois senhores.

— Que não. Não posso. Não tenho lugar. As casas de assistência que levem até final a sua missão. Que não há direito ser eu o pião das nicas.

— Ande lá. O rapaz não tem ninguém. Dorme nos albergues.

Dei mais uma investida: — Que não. Não senhor. No Porto existe um Curador de Menores. Vão a ele.

Os dois senhores tiveram pena de mim e aceitaram o alvitre.

Foram ao Curador.

— Só por um processo. É preciso haver crime.

O órfão, cansado de penar, veio aqui ter pelo seu pé. Vinha descalço, esfarrapado. Olhava-me sem dizer nada.

— Que queres que eu te faça?

— Tenha pena de mim. Eu não quero ser gatuno! O «Periquito» passava ali. Entreguei-lhe o mártir.

— Rapa, dá banho, veste. Mostra-lhe a cama e o refeitório.

O Farrapão vai todo contente ao lado do «Periquito». À noite, escolhe o ofício: alfaiate.

Hoje encontra-se no que é seu. Chama-se o «Directo», com perdão do senhor que de uma vez me ralhou por causa das alcunhas. Chama-se o «Directo». Porquê? Foi o «Morteiro» quem m'ó disse: «É que ele passou directamente da rua prà oficina!»

Alguém que nos enviou uns tantos metros de burel, da Guarda, vai vestir o Escorraçado. Os companheiros andam interessados em fazê-lo, ao pé do mestre, já se vê. Que o senhor, da Guarda, se regozije.

Ora aqui temos nós uma fonte dos tais «vadios» e «ladrões», de quem o senhor da notícia, n' *O Comércio do Porto*, deseja ver a cidade limpa. Ele e nós. Todos nós.

Enquanto houver tabelas nos modos de fazer assistência, temos de contar com legiões de vadios nas ruas, a pedir contas à gente...!

E mais nada.

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, 1.ª ed., 1986, pgs 131-133.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Continuação da página 1

Não é crime nenhum abandonar os filhos e a própria mulher! Não senhor, não é crime!! Mas... ai da mãe que proceda desta forma, cai-lhe em cima o *carro e a trindade*, vem a televisão e os seus comentadores e toda a gente se atira à mãe que abandona os filhos!...

Pode amanhã, quero dizer, daqui a quatro ou cinco meses, o Estado, pelos tribunais, vir obrigar o progenitor a contribuir com uma pequena quantia de dinheiro, para as despesas elementares do seu descendente, mas pouco mais. Os meus ouvidos pecadores escutam as histórias mais pungentes e secretas do mundo empobrecido.

Enquanto a mãe sentada no meu carro que me foi oferecido, preenchia o impresso a dizer quanto iria receber, o número do cheque e para que se destinava a esmola, passou-me o menino para o meu colo, ele tentava agarrar-se ao volante do carro muito contente sentado nos meus joelhos.

Agarrou-se-me ao nariz e os óculos foram para o chão numa inocente e feliz irrequietude. Enquanto o acarinhava e me aprazia, tive uma inesperada e doce inspiração: *era o Menino Jesus que eu tinha comigo*. Sim, pobre! Sim, pobre! Sem pai! A passar fome!

A mãe havia-se queixado num mar de lágrimas, que se vira obrigada a comprar leite de pacote para o alimentar.

Pobre, mais pobre que o próprio Menino Jesus. Ele foi aconchegado por Nossa Senhora e protegido pelo afecto paternal de São José, com o pai e a mãe a ampará-lo. Meu pobre Menino Jesus, muito mais desprezado que naquele tempo. Deu-me ganas de o apertar no meu peito, nunca mais o largar e padecer com ele o seu destino!

A criança galreava de contente no meu colo e o meu coração entristecia-se de o ver tão desamparado.

A mãe, alheia aos meus sentimentos, sentada no carro ao meu lado, preenchia uma papeleta que me havia de testemunhar a quantia que lhe iria oferecer, para o alívio da pressão que sobre ela faz a renda da casa.

Sozinha, sem trabalho, com duas crianças paternalmente abandonadas, como se havia de ver?!...

Casualmente fui a casa de um dos meus rapazes e encontrei-o deliciado a dar a papa ao seu

terceiro filho, de seis meses. O menino com esta idade está maior e mais forte do que o meu Jesus abandonado.

Se eu me tivesse recolhido ao nosso Calvário, ter-me-ia libertado de todas estas dores, e não andaria agora, carregado com as cruzes com que a pobreza extrema me assombra diariamente.

Perante os grandes deste mundo, que querem viver numa liberdade sexual sem freios, o abandono paternal não é crime. É uma coisa que se remediará mais tarde por uma sentença judicial. O que fica pelo meio, **é sempre responsabilidade da mãe**.

Quando lhe dei o cheque ela suspirou em agradecimentos, mas eu pedi que os dirigisse a Deus que é o Pai dos pobres, vinha em sua ajuda por amor dela e dos seus meninos.

Após esta, vieram mais cinco, todas com o mesmo problema: **a renda da casa!**

É pena que quem governa tenha tudo assegurado, nunca mais adquire capacidade para sofrer estes problemas e muito menos **entender esta linguagem repleta de dores**.

Padre Acílio

## BENGUELA - VINDE VER!

Continuação da página 1

Hoje pedi aos rapazes do escritório o «Avelino» e «Sozinho», para actualização da lista de presença dos rapazes que estão em Casa neste preciso momento. Somos hoje uma comunidade de 142 rapazes, vindos de várias regiões do País. Diante desta confirmação o pensamento vai para as inúmeras necessidades da vida da Casa. Como diz o ditado «filhos criados, trabalhos redobrados». Os meios humanos e recursos financeiros e económicos são cada vez mais escassos, e isto preocupa, consome grande parte das horas do dia. Confiamos na Divina Providência, Ela nunca abandona os pobres. Queremos contribuir para a garantia da aspiração mais profunda das crianças pobres e abandonadas: «Pelo menos um futuro melhor». Não fechemos a porta do nosso coração a este grito sonante dos mais pequeninos que desejam ser homens do amanhã. A conclusão é de Pai Américo: «A todos os sistemas de educação, a todos os processos infantis que a ciência recomenda, preferimos inculcar no ânimo destes mais pequenos o hábito do trabalho, sem, contudo, menosprezar tudo quanto vem nos livros.»

Padre Quim



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 10750

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt

www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5

NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

## MALANJE

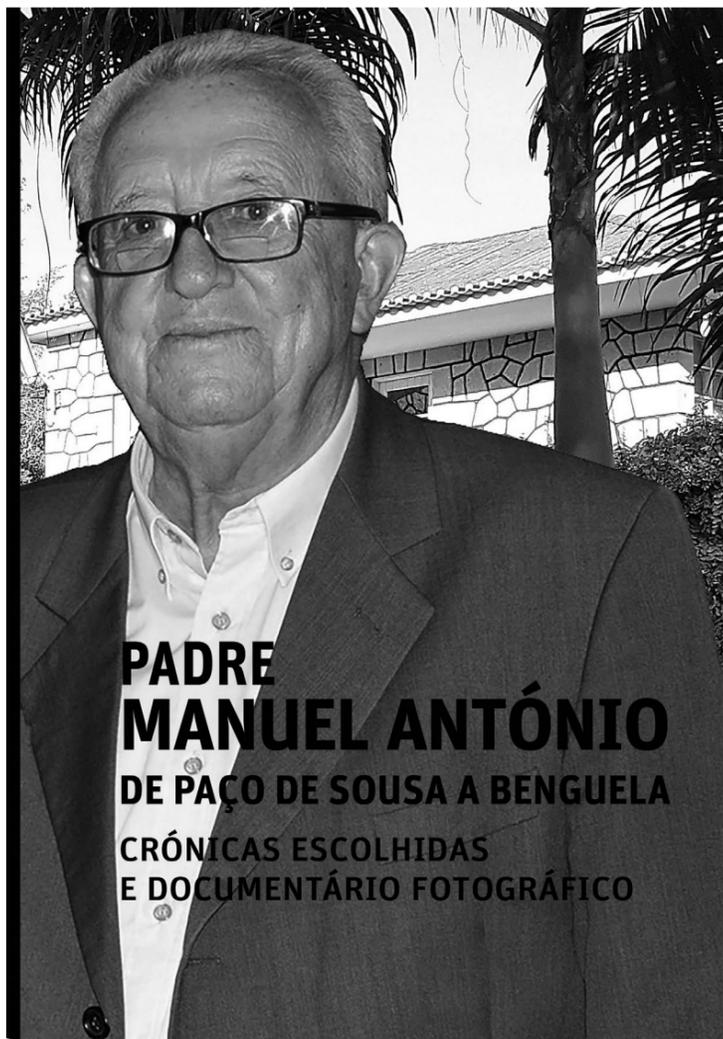
A 30 de Julho de 2020 regresssei a Angola, um ano exacto depois do fatídico acidente. Praticamente passei todo o tempo da minha recuperação no Calvário. Durante muitos dias pensei que não voltaria a pôr os pés em África, mas nunca o mostrei. O Senhor quis que regressasse e assim o interpretei quando a minha viagem de regresso

coincidiu com a do acidente. Não há um dia em que eu não me lembre desse acontecimento graças a uma dúzia de ferros colocados no meu tornozelo que me permitem andar. Quando me incomodam mais do que o necessário, penso em tantas pessoas que não têm a possibilidade de sentir que estão onde Deus quer que estejam e se me incomodam mais do que o necessário, tenho a ajuda dum comprimido.

## OS NOSSOS LIVROS

Um livro resultante da recolha de textos, que se procurou serem os mais significativos, saídos da pena de um Padre da Rua, é em parte uma obra biográfica mas, acima de tudo, é o fluido do seu coração vertido no papel como partilha de vida e apelo à comunhão.

Já Pai Américo traduzira os seus escritos como um verter de sangue derramado, pois dizia que «se picares as suas letras com um bico de alfinete, há-de ver que deitam sangue, tão vivos são os casos que elas narram».



**PADRE  
MANUEL ANTÓNIO  
DE PAÇO DE SOUSA A BENGUELA**  
CRÓNICAS ESCOLHIDAS  
E DOCUMENTÁRIO FOTOGRÁFICO

Se nas suas palavras faladas Padre Manuel António transmitia a vida que lhe corria na alma, nas palavras escritas era, acima de tudo, um apelo premente aos seus leitores para que se doessem do infortúnio dos Pobres com quem se cruzava, e lho aliviassem.

Desde a sua paixão pelos Pobres do Barredo, repisando as pedras ali indelevelmente gravadas por Pai Américo, até aos seus últimos passos já titubeantes no Calvário, amparado por algum doente ainda capaz de lhe dar a mão, passando por Benguela — centro da sua vida —, foi o seu percurso de vida como ministro da Igreja, servindo os ignorados pelos homens e provando assim quão presentes são ao coração de Deus.

Era homem de uma só ideia. Quatro verdades ou realidades a compunham e estavam no início do seu dia e com elas o terminava: o Nome de Jesus, Pai Américo, a Obra da Rua e a Casa do Gaiato de Benguela. A ordem não seria outra, eram as quatro realidades em que alicerçava a vida. — do Prefácio do Padre Júlio.

Enviá-lo-emos a quem no-lo pedir pelo telefone: 255 752 285, e-mail: geral@obradarua.pt ou directamente no site: www.obradarua.pt

Durante estes dois últimos anos procurei servir a Obra da Rua na Casa do Gaiato de Malanje. Esta comunidade nasceu e cresceu nos braços do Padre Telmo. Como sempre, tentamos manter as coisas como se nada tivesse acontecido, mas isso é mentira. E muitas das coisas que eu costumava fazer já não quero continuar. Finalmente percebi algo que lemos numa das Cartas de Paulo aos Coríntios: “De que me serve dar tudo se me falta amor”.

Não posso afirmar que faço as coisas para Deus e sem Amor, posso viver numa mentira acreditando que o Amor é algo estático, como um documento que carrego no bolso e mostro quando alguém questiona minhas motivações. A caridade é o modo particular de amar de Deus. A caridade define-se por nos fazer compreender, aceitar, perdoar, acreditar... A caridade é a única coisa que resta. Por isso, quando começo a ver que tudo desaparece: as capacidades físicas, intelectuais... é uma semente de eternidade que Deus plantou em cada um de nós.

Por isso, obrigado Padre Telmo... um grande Amigo da simplicidade e da ternura. Aqui continuamos com a ajuda de Jesus e de tantos amigos que contemplam esta linda flor da Obra da Rua que é a Casa do Gaiato de Malanje.

Padre Rafael

## CALVÁRIO

Zaqueu  
A árvore foi a forma de te ver  
E descí para abrir a casa  
De me teres visitado e avistado  
Entre os ramos  
Fizeste-me passagem  
Da folha ao voo do pássaro  
Do sol à doçura do fruto.  
Para me encontrares me deste  
A pequenez.

Daniel Faria

NO Verão fomos visitar o senhor Padre Baptista ao Cabril. Um amigo emprestou-nos uma carrinha de nove lugares. Outra pessoa amiga ofereceu o farnel. Fomos com os rapazes, mais a Fatinha da rouparia e a Tininha, que diz que o Padre Baptista não pode morrer, porque ela precisa dele.

O Calvário é um lugar de acolhimento, quer nas visitas que fazemos, quer nas visitas que acolhemos. E são tantas.

Um bolo que nos chega pela mão de alguém, roupa que nos trazem ou pedem para recolher fora, um técnico que vem para as obras ou para a manutenção de algum equipamento da casa, vizinhos que chegam para a missa, amigos que nos cederam um órgão para a capela, outros que vêm para actividades lúdicas com os doentes às quintas-feiras ou aos sábados, e também os voluntários dedicados. Outra gente que procura uma esmola ou oportunidade de trabalho ou acolhimento quando as obras terminarem. Também são tantos.

Recentemente têm-nos pedido acolhimento na capela do espigueiro para a celebração de momentos especiais na vida das famílias: um baptismo, uma acção de graças por um aniversário centenário, as bodas de prata de um casal, um trintário gregoriano...

Podíamos nomear todos os que recebemos, mas isso faria perder o sentido de quem vem e procura aqui esse acolhimento anónimo que Jesus instituiu justamente na hora de morrer: *Eis a tua mãe!*

O Calvário gera discípulos para quem tem a ousadia de aprender a conviver com a história pessoal e a história colectiva. É um parto difícil tornar-se discípulo. Implica nascer de novo, morrer para o que é antigo na vida e ressuscitar sempre. Implica uma graça especial. Não uma *graça barata*, como denunciava Bonhoeffer durante o império nazi.

Padre José Alfredo

## PÃO DE VIDA

Continuação da página 3

conversão. Por toda a parte e circunstâncias, dava com a impermeabilidade do Alcorão. Que trânsito! E contudo, era aquele mesmo o caminho. O caminho de Deus. Do cadinho sai o ouro. Dos fiascos, a vitória. Anos depois da sua morte, aparece a vida: Assim tinha de ser. A morte lenta do sacerdote nunca deixou de ser Luz. Tiram todos daqui uma lição, nós, os pequeninos mortais que vivemos na obscuridade. Não queiramos nem aspiremos ao gigantesco sabendo que, nos caminhos do Senhor, não há derrotados. Cada acção é mercê eterna!

Temos hoje no mundo o P<sup>o</sup> Foucauld. Se Cristo ressuscitou dos mortos, também as obras dos cristãos, feitas por seu amor. Já temos em Portugal as Irmãs do P<sup>o</sup> Foucauld; mas elas são em vários continentes do mundo. Admiráveis de pobreza! A pobreza é o sinal: *Ide ver a Belém!*

Há dias vinha de Lisboa e encontro duas Irmãs, perto das Caldas; sandálias, saco

às costas, alegres, romeirantes. Quis saber se precisavam de alguma coisa. Não senhor. Não precisavam de nada. Pergunto como resolvem o problema da distância. A pé. E se faz noite no caminho? Pedimos dormida. Trabalham e rezam. O pão que comem é o seu suor. Na fábrica são raparigas da fábrica. Nos escritórios, empregadas. Nos hospitais, enfermeiras. Nas igrejas, cristãs. Tudo por todos, para conquistar todos.

Oh! profundidade da subida e altíssima Pobreza do Evangelho!

Ora tudo isto vem aqui para dizer que um neo-sacerdote acaba de declarar «estou cada vez mais convencido de que só o escândalo da pobreza eficaz, pode valorizar o nosso ministério, por isso desejo ser padre da rua». Esperemos. São caminhos de Deus.» [O Gaiato, n. 270, 3 Julho 1954, p. 1].

No caminho espiritual de Charles de Foucauld — o Irmão universal — seguiu Magdeleine de Jésus [1898, Paris †1989, Roma], de seu nome Elisabeth Marie Magdeleine Hutin, que fundou a *Fraternidade das Irmãs de Jesus* [Petites

Soeurs] em 1939 e se instalou em Touggourt, um oásis do Saara argelino. No Natal de 1949, decidiu retirar-se do cargo Superiora Geral e ocupou-se em novas fundações e da formação das Irmãs. Em 13 de Outubro de 2021, a Congregação para as Causas dos Santos reconheceu as suas virtudes heróicas. Actualmente, cerca de 1300 Irmãs de Jesus vivem em pequenas fraternidades junto de pessoas pobres em 70 países [La Croix, 13/10/2021]. O P<sup>o</sup> René Voillaume [1905†2003] e os seus companheiros, nos anos trinta, fundaram uma fraternidade de *Irmãos de Jesus* [Petits Frères], em El-Abiodh-sidi-Cheik, no Saara argelino. O seu ideal consiste basicamente em *querer ser pequenos, pobres, vivendo do fruto de um trabalho humilde, entregues ao próximo, nos humildes serviços da caridade com todos*.

Para a próxima quinzena, veremos o interessante encontro de Pai Américo com Magdeleine de Jésus, em Paço de Sousa, um ano antes da sua partida deste mundo.

Padre Manuel Mendes